

ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO E CLARICE LISPECTOR: A HORA CULTURAL DAS ESTRELAS¹

ARTHUR BISPO ROSÁRIO AND CLARISSE LINPECTOR

Marcos Antônio de Oliveira ²
Edgar César Nolasco ³

RESUMO: Este trabalho propõe criar uma relação de amizade, mesmo que metafórica, entre as *personae* Arthur Bispo do Rosario e Clarice Lispector, considerando que ambos tiveram uma trajetória de vida parecida no tocante à condição social: depararam-se com o preconceito, a discriminação; ele, enquanto interno de uma clínica de tratamento psiquiátrica; ela, enquanto estrangeira radicada, nordestina e mulher. Por conseguinte, ambos carregaram tal diferença por suas vidas, marcando a mesma suas respectivas obras. Tal diferença, ou traço, é o que vai marcá-los enquanto sujeitos marginais. Para estabelecer tal relação, valer-nos-emos do que propõe a crítica biográfica.

PALAVRAS-CHAVE: Arte-loucura, Lispector/Rosario, Amizade

ABSTRACT: This paper proposes to create a friendship, even in a metaphorically way, between the *personae* Arthur Bispo do Rosario and Clarice Lispector, considering that both had a similar trajectory of life, concerning the social condition: they faced prejudice, discrimination, he while an internal of a psychiatric clinic for treatment, and she, while a rooted foreign, north easting and a woman. Consequently, both loaded that difference for their lives, scoring their own works. This difference, or dash, is what will mark them as marginal people. To establish such relationship, we will use as a theoretical contribution the biographical critic.

KEYWORDS: Art-madness, Lispector/Rosario, Friendship

INTRODUÇÃO

Um “rei Arthur” Bispo e seu universo

“(…) tudo o que eu tenho é a nostalgia que vem de uma vida errada, de um temperamento excessivamente sensível, de talvez uma vocação errada ou forçada, etc. Que importa na verdade se (...) se pode falar direito?

Meus problemas são os de uma pessoa de alma doente e não podem ser compreendidos por pessoas, graças a Deus, sãs (...)”

LISPECTOR in *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*, p. 109.

¹ Este trabalho é parte de uma pesquisa maior que o autor desenvolve como Bolsista da Iniciação Científica – PIBIC/CNPq/UFMS sob o título - *O figurativo inominável: a art pictures* de Clarice Lispector.

² Graduando em Artes Visuais – DAC/CCHS – PIBIC/CNPq/UFMS. – marcosbessa2001@yahoo.com.br

³ Orientador da pesquisa e professor dos cursos de Pós-Graduação nível Mestrado - CPTL/CCHS – UFMS. – ecnolasco@uol.com.br

Registrado com nome de rei e sobrenome de Bispo do Rosario, nomes associados à hierarquia da maior congregação religiosa do mundo, Arthur Bispo do Rosario só poderia ter mesmo a “incumbência” de (re)criar um universo paralelo ao nosso. Apesar de não ter vivido na Idade Média, de não ter uma espada encantada, *Excalibur*, e de não pertencer ao núcleo maior da Igreja Católica, Bispo desempenha o papel de criação de um novo mundo com grande habilidade e maestria.

A estória de seu parceiro de nome, que é cercada por magia, conta que Arthur tinha “(...) a espada Excalibur, a Dama do Lago e a busca do Santo Graal (...)” (BRAVO! ON-LINE); o que não é muito diferente da história de Bispo, que tinha um manto como espada, uma psicóloga como dama e por busca, que apesar de não ser por um Santo Graal, fazer a criação de um novo mundo até o dia de sua morte, o que ele mesmo dizia fazer quando criava, ou seja, “que tudo que fazia era para o dia de sua apresentação”.

O “universo” de criação de Bispo compreende mais de 800 peças, entre as quais destacamos o “Manto da Apresentação”, as *Assemblages*, a “Cama Nave”, “Fardões”, “Cetros e faixas de misses”, “Estandartes”, “Fichários” e várias outras peças. Tais peças nem sempre foram chamadas de obras de arte. Em sua grande maioria foram feitas com “restos” do mundo externo ao mundo de Bispo, o que não quer dizer que o mesmo não tenha feito uso de grande parte das peças de seu próprio mundo, o mundo da Colônia Juliano Moreira, que foi feito por um triste percurso, onde primeiro, “(...) Bispo chegou no Hospital Nacional dos Alienados (...) pelas mãos das autoridades. Mais um entre tantos hóspedes do manicômio que acabavam anulados na grossa massa de internos desvalidos. (...)” (HIDALGO, 1996, p. 19), para mais tarde, após sua primeira internação como esquizofrênico-paranóico, ser transferido para a Colônia Juliano Moreira, em Jacarepaguá, no dia 25 de janeiro de 1939, onde viria a ficar recluso por muitos anos de sua vida e até a sua morte. Foi a partir desse mundo de reclusão que Bispo criou todo, se não a maior parte do seu universo artístico.

Canecas de alumínio, linhas coloridas, retalhos de tecido e muitas outras coisas compõem o mundo imaginário de Bispo. As peças feitas a partir de um “amontoado” de “restos” do mundo capitalista levaram-no a criar uma arte globalizada, na qual aparecem ícones religiosos, marcas de produtos consumidos pelas massas, como latas de cerveja e produtos de higiene pessoal, além de marcas da própria existência do artista, como os lençóis e roupas que o mesmo usava na sua então moradia, a colônia onde ficou recluso.

A partir das coisas que o próprio artista fazia uso diário na colônia, como as canecas, lençóis e roupas, Bispo teceu o seu mundo particular, desmanchando os lençóis e roupas, dando novo significado às linhas, envolvendo outros objetos que, assim como um inseto que se

metamorfoseia em outro, transformam-se em peças originais que, por sua vez, metamorfoseiam a própria vida do homem-artista.

Com as Canecas, Bispo refaz a finalidade para a qual foram criadas, transformando-as em *Assemblages*; com isso, retirou o seu caráter de peça para consumo de bebidas e deu a elas um *status* de quadro, como o que pode ser visto na obra “Canecas” (fig. 1). Ao fazer tal (re)significação, aproxima sua obra de vários dos grandes artistas da pós-modernidade. O que estamos querendo dizer, encontra respaldo na afirmação de Hidalgo:

(...) objetos de plástico, aço, ferro e tantos outros, reunidos conforme o senso de Arthur Bispo do Rosario, seriam um dia catalogados como assemblages e comungariam com a chamada pós-modernidade. (...) Se aquela sua missão divina um dia ganharia status de arte, comparada à obra de Marcel Duchamp e outros artistas ilustres, (...) (HIDALGO, 1996, p. 53-54).



Fig.1–“Canecas”⁴

Metal, madeira, cartão . 110 x 50 x 13 cm.

Tal afirmação de Hidalgo é constatada quando deparamos com a obra “Roda da Fortuna” (fig. 2), uma espécie de colagem, no sentido aqui de cópia mesmo, se pensássemos que Bispo poderia ter sido um grande leitor e admirador de obras de arte já consagradas do período pós-moderno, pois a obra nos remete de imediato à obra “Roda de Bicicleta” (fig. 3) do artista acima citado por Hidalgo, Marcel Duchamp.

⁴ Disponível em: http://www.proa.org/exhibicion/inconsciente/salas/id_bispo_10.html – acesso em: 26 de maio de 2007.

	
<p>Arthur Bispo do Rosario Fig. 2 – “Roda da Fortuna” s/d.⁵ Madeira, metal, plástico, tecido. 69x55x24 cm.</p>	<p>Marcel Duchamp Fig. 3 – “Roda de bicicleta”, 1913 ⁶ Madeira e metal, altura 126 cm Nova York, Sidney Janis Gallery.</p>

O cotidiano do próprio artista pré-colônia, como já foi dito, também faz parte do universo criado por Arthur Bispo, porque é a partir de suas experiências, como tripulante de navios da marinha e seu local de nascimento no estado de Sergipe, que Bispo faz criações como o “Carrossel”, “Vinte e um Veleiros”, “Navio-Indústria de Aduos Jaguaré S/A”, a obra “Dentaduras” e muitas outras, nas quais podem ser encontrados aspectos da vida particular do artista.

O vasto universo do artista Arthur Bispo do Rosario, formado por um “conglomerado” de passagens, é um campo repleto de possibilidades para a reflexão crítica, além de mostrar o quanto a arte ainda pode ser repensada, principalmente se se levar em conta obras inovadoras, provocativas, inusitadas como a daqui em estudo.

De artista e louco todo mundo tem um pouco!

“(…) a obra era vista com indiferença ou mesmo hostilidade pelo discurso dominante (…)” (BURROWES, 1999, p. 45). É com base neste cenário que tentarei aqui falar do processo de criação/validação da obra de Arthur Bispo.

Nordestino, interno em um manicômio, negro e pobre, Bispo era um “marginal”, um excluído de seu tempo. Para que sua arte deixasse de ser marginal e tomasse maior expressão, foi preciso, primeiro, uma reformulação e uma mudança nas leis dos manicômios brasileiros. Segundo Burrowes, até então sua arte

⁵ Disponível em: http://www.proa.org/exhibicion/inconsciente/salas/id_bispo_2.html – acesso em: 26 de maio de 2007.

⁶ Disponível em: http://www.niteroiartes.com.br/cursos/la_e_ca/modulos2.html – acesso em: 26 de maio de 2007.

(...) atraía atenção como curiosidade, como caso psiquiátrico, como a interessante produção de uma loucura, mas não como obra de arte. Com a reforma da psiquiatria, começaram-se a abrir os hospícios; os meios de comunicação denunciavam as condições precárias de vida e o tratamento brutal vigente nas instituições psiquiátricas. Nessa época o trabalho de Bispo ganha uma nova visibilidade: tendo sido visto pelo crítico de arte Frederico Morais (...) (BURROWES, 1999, p. 52).

A arte de bispo ganha novos olhares e novos mundos, deixando de ser uma arte para uma “apresentação”, como foi apresentada a primeira vez na mostra *À margem da vida*, no MAM, em 1982, para se tornar uma arte para o mundo externo ao dele, como aconteceu em “(...) exposições individuais em todo o Brasil: Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre (1990). (...); também foi exposta em Estocolmo (1991). Tomou o MAM, Rio de Janeiro (1993). Em 1995 representou o Brasil na 46ª Bienal de Veneza” (BURROWES, 1999, p. 48).

Os trabalhos de um interno da colônia Juliano Moreira saltam de arte-loucura para arte contemporânea, *grosso modo*, num piscar de olhos. Com as obras de Bispo validadas pelo então crítico de arte Frederico Morais, que fazia questão de desassociá-las da arte loucura. O crítico então leva as obras de Bispo para um cenário que o mesmo dizia não fazer nenhuma questão que acontecesse; com isso podemos pensar que ao assistir à matéria que veiculava na televisão, Morais assina e valida o trabalho de Bispo, apesar do mesmo garantir que o que fazia era pura obrigação divina. Tal afirmação é validada pelo que diz Burrowes sobre a assinatura nas obras de arte: “(...) na face que tange o social, a assinatura garante uma posição de valor daquela linguagem entre outras linguagens, determina seu ponto de inserção, o lugar que lhe cabe, sua recepção” (BURROWES, 1999, p. 54).

A afirmação de Burrowes é pertinente quando pensamos na relação Arte/Mercado e Consumo, porque uma vez uma obra autenticada/assinada por uma instituição ou mesmo um crítico de arte, em qualquer gênero ou categoria de arte, a obra passa de imediato do estágio de mera obra para um outro, por exemplo, que Compagnon chama de *marca*:

(...) a obra repousa na sua assinatura, fazendo do artista o lugar da arte. Um quadro é uma imagem, não importa qual, levando uma assinatura. Esta é o equivalente de uma marca de fábrica para os objetos manufaturados: Warhol ou Colgate, na indistinção do que leva uma etiqueta (...) (COMPAGNON, 1996, p. 97).

O processo de inserção da assinatura do autor ou crítico, que já tenham um respeito e reconhecimento mercadológico, desvencilha a obra de arte de um mero prazer de criação ou loucura, como no caso da obra de Bispo, ou seja, dá à obra um *status* de obra de arte, porque a assinatura transforma a obra criada em algo além do prazer/alucinação, fazendo com que a

mesma se torne algo além, algo que tem comercialmente uma importância. Validada pelas devidas assinaturas, a obra de Bispo toma outras proporções, mesmo que depois de sua morte, com o crítico que:

(...) ao apresentar à sociedade o universo de Bispo como arte, Frederico Morais agrega à máquina-Bispo toda a dimensão do discurso artístico. Na qualidade de crítico, ele conecta à máquina esse outro universo de referência: encontra um ponto de inserção para a máquina-Bispo na tradição da arte ocidental e a localiza em meio à produção artística contemporânea (...) (BURROWES, 1999, p. 52).

Qual é a técnica hoje? Um pedaço do artista!

(...) eu vou passar revista corpos homes caídos carbonizados e os mortos reverter vossos corpos juntos vossos espíritos lados vos seja lagrmas sangri nome filho do home a voz pai criador eu exceto vossa nicência fillho enchugo em nuves especiaes formas bordada um metro proximo eu filho viii palmos altura da terra fica três dias aos meus criterio exprivativo e subida dos que seus intimos chamar filho todos aqueles tiveram guias cultas a exceção doentes espiritual loucos hospicio (...)bispo in *arthur bispo do rosario*: o senhor do labirinto, p. 15.

Colagens, *Assemblages*, *bricolage*, literatura, pintura, instalação, desenho e muitas outras técnicas fazem parte do universo artístico de Bispo. Talvez por isso podemos pensar em qual é a técnica hoje para uma obra se tornar arte? A validação crítica, como já foi visto, é um dos pontos que garantem este *status* à obra, um outro ponto importante pode ser o histórico somado ao contexto no qual o artista está inserido. No caso de Bispo,

(...) além de estar em sintonia com as mais contemporâneas preocupações da arte, a máquina-Bispo, em sua singularidade, no que traz de incomum — ter sido criada dentro de um hospício por alguém atravessado pela experiência da loucura, contra todas as dificuldades, a partir mesmo da pobreza; ter sido por longo tempo ignorada; ter vindo a público inteira de uma vez —, faz brotarem questões peculiares que não são menos importantes (...) (BURROWES, 1999, p. 54).

A questão já antes mencionada das minorias parecia não ter importância para Bispo, com relação à sua obra, uma vez que o mesmo não se via como artista. Entretanto não podemos deixar de marcar tal questão, porque, assim como Bispo, tantos outros artistas não têm seu devido reconhecimento por pertencer a essas minorias. Ressalvadas as diferenças, ao pensarmos em Arthur Bispo do Rosario já consagrado como artista e não como louco/marginal que faz arte, podemos também pensar na artista Clarice Lispector que, além de ser mulher, ter vivido no nordeste, era judia.



Clarice Lispector, bem como todos de sua família, sofrem preconceito e discriminação pela condição mesma de exilados, posto que eram judeus, atravessaram mares vindo a aportar no nordeste, região na qual nascera Bispo do Rosario. Assim como Bispo que era pobre e que não gostava que desvendassem seu passado, Clarice mantinha guardados os fatos que revelassem parte de sua vida e de seus antepassados, como a questão da judeidade. Daí podermos pensar que a produção de ambos pode ser melhor pensada quando se considera em pano de fundo a vida dos mesmos. Nesse sentido, a afirmação de Burrowes vale para os dois artistas:

(...) Arthur Bispo do Rosário quase não existe como história. Poucos documentos há sobre sua origem, seu passado, e incompletos. As investigações deparam-se com depoimentos destoantes. As informações oficiais resumem-se a boletins imprecisos da Marinha, uma ficha da Light, um registro de ocorrência na polícia civil, guias de internação e um ou outro prontuário clínico (...) (BURROWES, 1999, p. 56).

Ambos mantiveram invioláveis alguns detalhes de suas vidas que muito poderiam contribuir para uma melhor aproximação biográfico-cultural entre vida e produção artística. Mesmo assim, podemos pensar que os dois artistas não conseguiram manter-se à margem de seus trabalhos; muito pelo contrário, foram tragados por suas criações artísticas, independentemente das formas que as puseram em prática. Bispo dedicou toda a vida em função de sua criação artística. Clarice, não diferente, inscreveu-se a si própria em sua ficção, a exemplo de seu último livro, *A hora da estrela*, que pode ser lido como uma biografia ficcional da escritora. Sobre isso, sua biógrafa Nádya Battella Gotlib comenta que:

(...) a cultura hebraica, transfigurada metaforicamente, há de se manifestar na sua obra futura. Entre outras transfigurações, sob a forma de grito de rebeldia, denunciando a fome e a impotência da personagem, ela também prisioneira, como os macabeus, mas que como eles, resiste, nordestina na cidade grande, massacrada por um sistema social desumano (...) (GOTLIB, 1995, p. 66).

O livro *A hora da estrela* é publicado no mesmo ano da morte da escritora. A obra é uma novela que teve quatorze títulos diferentes, dados pela autora antes de ser publicada,



talvez pela auto-identificação que a mesma teve com a história narrada, já que esta é uma novela que narra a vida de uma garota nordestina que se muda para o Rio de Janeiro com uma tia. Coincidência ou não, Bispo e Clarice saem do nordeste e se mudam para o mesmo estado para onde se mudou a personagem clariciana. Tal coincidência não deixa de espelhar, ainda que metaforicamente, a condição marginal na qual se encontravam ambos os intelectuais, Clarice Lispector e Arthur Bispo do Rosario, claro que ressalvadas as devidas diferenças entre os dois.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os caldos e as horas das estrelas

Não por acaso, Macabéa

(...) nascera inteiramente raquítica, herança do sertão — os maus antecedentes de que falei. Com dois anos de idade lhe haviam morrido os pais de febres ruins no sertão de Alagoas, lá onde o diabo perdera as botas. Muito depois fora para Maceió com a tia beata, (...) (LISPECTOR, 1984, p. 49).

É neste enredo que se desenrola toda a novela da heroína nordestina. Metaforicamente, queremos pensar que as histórias de Bispo e Clarice somam-se à história marginalizada de Macabéa e que ambas acabam por retratar um contexto histórico-social e cultural do próprio País. Ambas as personagens sofrem com preconceitos, são marginalizadas, como já dissemos; no caso de Bispo e de Clarice, os mesmos só têm seu verdadeiro reconhecimento após suas mortes. Em vista do exposto, resta-nos pensar que as obras destes dois grandes artistas apresentam-se resumadas de:

(...) Caldo de cultura. Caldo de carne. Caldo de galinha. Caldo de contracultura. Caldo de paraliteratura. Caldo de consumo. Caldo de verdades. Caldo de identidades. Caldo de desmetaforização. Caldo de realismo. Caldo de miséria. Caldo de fome. Caldo de pobreza. Caldo de Clarices. Caldo de Macabéas. Caldo de nordestinas. Caldo de estrangeiras. Caldo de judias. Caldo de ucranianas. Caldo de brasileiras. Caldo de biografias (...) (NOLASCO, 2007, p. 11).



Parafrazeando Nolasco, complementaríamos, pensando em Bispo, que sua obra não passa de um Caldo de Bispos, Caldo de loucura, Caldo de marginal, Caldo de arte, Caldo de saberes, Caldo de vida. Para concluir, e em mente o título de último livro publicado em vida por Clarice, por que não dizer que já estava mais do que na hora da estrela Bispo do Rosário brilhar?

REFERÊNCIAS

- BORELLI, Olga. *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1981.
- BURROWES, Patrícia. *O universo segundo Arthur Bispo do Rosário*. Rio de Janeiro,; Editora FGV, 1999.
- COMPAGNON, Antoine. *Os cinco paradoxos da modernidade*. Trad. de Cleonice P. Mourão, Consuelo F. Santiago e Eunice D. Galéry. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.
- GOTLIB, Nádia Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995.
- HIDALGO, Luciana. *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1984.
- NOLASCO, Edgar C ezar. *Caldo de cultura: A hora da estrela e a vez de Clarice Lispector*. Campo Grande: Editora UFMS, 2007.
- OLIVEIRA, Marcos Ant nio de e NOLASCO, Edgar C ezar. In: NOLASCO, Edgar C ezar. (Org.) *Espectros de Clarice: uma homenagem*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007. In: Clarice Lispector: o dito e o interdito da pintura   fic o, p. 123- 141.
- CANECAS. Disponível em:
http://www.proa.org/exhibicion/inconsciente/salas/id_bispo_10.html – acesso em: 26 de maio de 2007.
- RODA DE BICICLETA. Disponível em:
http://www.niteroiartes.com.br/cursos/la_e_ca/modulos2.html – acesso em: 26 de maio de 2007.



Travessias número 01 revistatravessias@gmail.com
Pesquisas em educação, cultura, linguagem e arte.

RODA DA FORTUNA. Disponível em:

http://www.proa.org/exhibicion/inconsciente/salas/id_bispo_2.html – acesso em: 26 de maio de 2007.

SAGA RECONTADA – Rei Arthur está disponível em DVD. *Revista Bravo! online* –

Disponível em: [versão para impressão](#)

[recomendar esta matéria](#)

[comentar esta matéria](#)

<http://www.bravonline.com.br/noticias.php?id=1002> – acesso em: 26 de maio de 2007.